A história e as estórias de Gregório, o contador

JURACY XANGAI

As tardes embaladas pelas histórias contadas por seus avós, pais, tios e vizinhos que se revezavam para dar variedade aos "causos" com os quais aprendiam os mistérios, dramas e belezas da vida, ainda povoam a memória e inspiram Francisco Gregório Filho. Aos 56 anos, mais do que um contador de histórias, mitos e lendas amazônicos, ele tem uma vida que se confunde com a própria história da cultura acreana.

Piperô confesso, faz uma pipa por dia, de pano costurando retalhos que enfeita conforme o espírito, pipas que não voam, mas dão asas à imaginação. "Quando faço pipas vou colocando a memória em ordem, organizo as histórias para poder contá-las. Costuro cada pedaço, bordo, prego botões, fitas e assim a pipa voa".

O hábito das pipas surgiu quando a avó morreu deixando-lhe como herança seus apetrechos de costura, conta ele em seu livro "Difícil Passagem", onde "Chico", como se autodenomina, relata alegrias e tristezas de uma vida voltada a aprender com cada dia.

Nascido bem ali na Capoeira onde viveu até os quatro anos quando a família mudou-se para a Cerâmica junto à casa do "Barraru" e já na pré-adolescência para a Quintino Bocaiúva, ao lado do Colégio Acreano.

"Ali, entre aquelas jaqueiras, abacateiros e mangueiras que meu pai plantou, passei minha adolescência. Nos mudamos para o Rio de Janeiro e a casa foi vendida para a professora Olda. Fiquei muito triste ao passar por lá e ver que derrubaram as árvores abrindo espaço para a construção de um novo prédio. Elas alimentavam muitas lembranças guardadas com carinho", recorda.

Mudou-se muito, muitas vezes, mas nem ele mesmo percebia que uma coisa não mudava: o gosto pelas histórias e pela cultura que foi acumulando e distribuindo pela estrada da vida. Na casa da Quintino que marcavam presença figuras como a Maria do Ó, o doutor Lira, Wildy Viana, professora Volitz em rodadas nos quais o assunto ia das lendas indígenas e mitos seringueiros, contos tradicionais carregados de lições morais e exemplos de vida.

> *"Fui estudar contabilidade e aprendi a contar histórias. Éramos uma família de sete irmãos, onde havia muita dificuldade, com isso aprendi a contar o que faltava"*

Aquelas histórias e estórias despertaram nele o gosto pela leitura, lia muito, mas deu uma diminuída quando as matérias da escola começavam a apertar, tinha muita dificuldade com matemática, gramática e outras desse tipo, foi reprovado algumas vezes. A professora Dalva, que dava aula de artes percebeu que era um aluno problemático e convidou para participar de um grupo de teatro que ela estava começando a organizar.

"Tinha 14 anos quando encenamos nossa primeira peça sobre a Revolução Acreana, eu era o cearense que lutando pelo Acre se arrastava até a trincheira adversária para pedir ao soldado boliviano que tocasse sua gaita para alegar a noite em meio à guerra". A cena era mínima, mas executada com tanta dedicação que chamou a atenção do embaixador Pascoal Carlos Magno que estava em visita ao Acre. "Depois da apresentação ele me chamou e perguntou se gostava de teatro, disse que sim, então ele me aconselhou, leia, leia muito, eu li tudo que me foi possível de Sófocles da antiga Grécia ao nosso dramaturgo Nelson Rodrigues, aprendi muito".

Nessa época Luiz Cláudio de Castro era o secretário Estadual de Educação e Hélio Coury que era um incentivador da cultura trouxe para o Acre o teatrólogo Orlando Miranda que entre 62 e 63 organizou diversos grupos de teatro em escolas da Capital. "Aí veio a ditadura, cassou Hélio e acabou com tudo".

Terminado o ginásio no Colégio Acreano, Gregório matriculou-se na Escola Técnica de Contabilidade do Acre (Etca). "Fui estudar contabilidade e aprendi contar histórias. Éramos uma família de sete irmãos onde havia muita dificuldade, com isso aprendi a contar o que faltava", recorda. "Contar histórias nos faz narrador, ou seja, aquele que narra a dor, as dores da vida humana, dores das quais ninguém escapa, mas essas dores são permeadas por momentos de alegria e felicidade marcadas pelas vitórias e conquistas, a vida é isso".



GREGÓRIO Filho é um dos ícones da cultura acreana e um apaixonado confesso pela literatura brasileira

Lembra que a herança mais antiga da humanidade são as narrativas de vitórias e derrotas, superações que vencem os fracassos e levam a vitória contra a dor que oprime. "As dores permeiam também as vitórias e conquistas, mas nem todo exemplo de vencedor deve ser copiado. Eu mesmo tive muitas derrotas, mas como disse Darcy Ribeiro – Não invejo meus vencedores".

No Rio de Janeiro, com pais e meia dúzia de irmãos vivendo num apartamento do bairro da Glória, sem conhecidos nem amigos, Gregório encontrou refúgio no Museu de arte Moderna onde passava os dias até chegar o fim de tarde quando ia para as aulas regulares. "Nunca fui muito bem na escola regular, terminei o curso técnico, então a nossa cantora xapuriense, Nazaré Pereira, que hoje vive na França, tinha então o nome artístico de Neis Nazaré, me preparou para o vestibular da faculdade de artes cênicas. Fui fazer o que gostava".

Em 1972 Gregório, ainda estudante de artes cênicas teve seu grupo convidado pelo professor Elias Mansour Simão Filho para se apresentarem durante os festejos de aniversário do Clube Juventus. Encenaram no Juventus e no Cine Rio Branco a peça "Aquele que diz sim, aquele que diz não", de Berthold Brecht e um show musical intitulado "Em torno da palavra homem".

Terminou a escola de teatro em 1975 e veio para o Acre em 1976 com seu grupo de teatro para encenar a peça "ZYH19 apresenta mensagens e melodias", que foi proibida pela Polícia Federal. "O Lhé nos acompanhou até o dom Moacir a quem fomos pedir socorro, ele conseguiu que a peça fosse apresentada no Colégio Acreano onde o bispo compareceu para garantir que não fosse interrompida".

> *"... foi uma época muito produtiva, pois pudemos desenvolver o espírito democrático da cultura, onde não importavam o vínculo partidário, ideológico, raça ou religião"*

Contando como patrocínio de comerciantes locais para dois programas nas rádios Difusora e Andirá, seu trabalho chamou a atenção do então governador Geraldo Mesquita que o convidou para Diretor de Assuntos Culturais (DAC) da Secretaria Estadual de Educação. O departamento não existia, tiveram de criar tudo, ali começou a surgir o núcleo que daria origem à Fundação Cultural, hoje Fundação Elias Mansour.

Ressurge a cultura, nasce a fundação

"O DAC funcionava ali onde é hoje a TV Aldeia, trabalhei nele de 76 a 79, éramos militantes do movimento artístico e cultural acreano. Época do jornal O Varadouro, Sesc, Cine clube, programas de rádio e grupos de teatro. A igreja com suas Comunidades Eclesiais de Base organizadas pelos freis Beto e Clodovis Boff, apoiadas por dom Moacir, era o celeiro para as artes e a militância política engajada no debate das questões sociais e contra a repressão militar" Destaca.

Exemplificando situações vividas na época pelos militantes de movimentos culturais e políticos, ele recorda: "Uma vez a gente ia para uma reunião na casa do jornalista Élson Martins, mas fomos parados no caminho por dois carros da Polícia Federal, eles mandaram agente tirar a roupa, tiramos e ficamos de cuecas, mandaram tirar também as cuecas. Chegamos nus à casa do Élson. Ele era correspondente do jornal O Estado de São Paulo e com dom Moacir nos protegiam como podiam. Até o governador Geraldo Mesquita ajudava".

Rádio da Floresta - Em 1978 acompanhando o governador Gerado Mesquita em vista a Feijó, foi surpreendido com sua popularidade de entre os que lá ouviam a Difusora e, nesse momento o governador decidiu nomeá-lo diretor geral da rádio. "Virei atração nesse dia, nas poucas horas que estive lá, até padrinho eu fui".

Quando reformou, já diretor, decidiu mudar a programação da rádio na qual a maior parte das músicas eram estrangeiras. "Dispensei o discotecário, levei para a rádio minha discoteca particular e convidei a comunidade a participar da organização da programação. Doutor Araken selecionava músicas eruditas, Chio Pop cuidava das músicas de vanguarda Felipe Jardim cuidava da música experimental e, assim ia". A militância política, ficava à mostra pela abertura para a realização de programas pela Casa do estudante Acreano, Associação das Lavadeiras, estivadores e comunidades da igreja.

Polindo a alma acreana - "Nessa época começou a se formar o espírito acreanista que hoje comanda nossa sociedade. A princípio era uma forma de resistência contra a invasão de fazendeiros sulistas e a defesa de um modo de ver e ser diferente, próprio de nossa gente. Wanderley Dantas havia aberto as porteiras do Acre. Mesquita trancou o que pode, mas o estrago já era irremediável". Foi por meio dessa luta que surgiram nomes como Wilson Pinheiro, Chico Mendes e tantos outros, inclusive a da atual ministra do Meio Ambiente, Marina Silva e o vice-governador Binho que militava no Centro dos Trabalhadores da Amazônia (CTA).

Em 1980, Gregório voltou para o Rio de Janeiro, onde foi nomeado secretário de assuntos artísticos do Ministério da Educação e Cultura pelo ministro Eduardo Portela, demitido pelo presidente Figueiredo ao declarar: "Não sou ministro, estou ministro".

Saído junto com o ministro passou para o Instituto Nacional de Artes Cênicas no projeto de integração de Educação e diferentes conceitos culturais, através do qual veio ao Acre em 1982 para firmar com Chico Mendes e Mary Alegretti o primeiro Projeto Seringueiro que funcionava nas escolas dos seringais por meio do CTA.

Volta às origens - Em 1987 foi indicado pelo movimento artístico acreano para assumir a Fundação Cultural no governo de Flaviano Melo, cargo em que permaneceu até 1990. São dessa época a restauração da Tentamen e do Cine Teatro Recreio, a inauguração do Teatro Plácido de Castro, a criação da Casa do Seringueiro, Kaxinawá e diversos outros espaços culturais.

"Aquela foi uma época muito produtiva porque pudemos desenvolver o espírito democrático da cultura onde não importava o vínculo partidário, ideológico, raça ou religião de quem quer que fosse. Havia um debate coletivo das propostas e as deliberações eram tornadas realidade", relembra ele antes de enfatizar: "Foi naquele momento que surgiu a consciência de que o Acre também é Brasil, mas que não pode ficar olhando só para o próprio umbigo. É preciso visitar outros lugares, ver e conhecer coisas, trazer artistas para formar um público e nossos próprios atores e cantores".

Em 1990 voltou ao Rio de Janeiro para assumir a Fundação Biblioteca Nacional onde ajudou na criação do Programa de Incentivo à Leitura (Pro-ler) que atuava em 600 municípios brasileiros. "Viajei muito, testemunhei experiências maravilhosas, aprendi com todos eles e foi então que me identifiquei como um contador de histórias. Entendi que ninguém se basta sozinho, é preciso contatos com outras aldeias para a gente se aprimorar. Isso areja e flexibiliza os pensadores".

Criando a criação - Em suas contações, Gregório consegue levar ao palco a essência da cultura da floresta traduzida nas histórias e mitos de índios e seringueiros. "Meu repertório é formado de mitos, lendas e contos e crônicas populares. De todos eles prefiro os mitos indígenas, isto porque minha avó era descendente dos Kaxinawás e os mitos da criação que ela me contava quando era criança foram os que mais me impactaram".

Para Gregório a cultura acreana hoje segue duas vertentes que embora antagônicas se completam uma à outra. De repente isso faz do Acre atual um caldeirão onde acontece uma verdadeira efulição cultural. "Acordaram-se grupos de sanfoneiros e de rock com uma mesma animação. Uma voltada para a praticada cultura tradicional e indígena, outra mais universal e cosmopolita. Nós não seríamos completos sem as duas".

Tanto é assim que no Pequeno Dicionário da Arte Brasileira figuram os acreanos Hélio Melo e Chio da Silva, celebrizado pelas pinturas de galos e rinhas. "Parece incrível, mas a casinha de Chico Mendes, em Xapuri, é hoje uma imagem mais marcante no mundo do que a foto dele mesmo, a casa reflete a nossa cultura, o modo de ser da floresta".

Na simbologia que se segue, a senadora Marina Silva é hoje uma representante mundial da fala acreana. "Marina tem uma fala autêntica, na pronúncia e nas expressões, não perdeu suas raízes nem a força de suas referências históricas, culturais e afetivas. Isso é muito forte".

Quanto ao futuro, Gregório prefere viver um dia de cada vez, por isso, confessa: "Agora estou empolgado com as nossas casas de leitura. Eu me comovo ouvindo crianças lendo, declamando poesias ou contando histórias. Nelas vejo a formação de uma nova geração de acreanos mais ligados no caminho ético, estético e poético com uma identidade própria. Pessoalmente, gosto de dizer que temos uma identidade essencial e outra aprendente, desde que estejamos abertos a aprender sempre".



